

LEVANTAMENTO PRELIMINAR  
DA  
RESERVA INDÍGENA SURUI



BELÉM/PA  
MAIO/2000

## LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA RESERVA INDÍGENA SURUI

### 1. ASPECTOS GERAIS DA REGIÃO:

Ocupando uma área de 26.257 ha, a Reserva Indígena Sororó tem a maior parte de seu território localizado no município de São Geraldo do Araguaia, alcançando também áreas pertencentes aos municípios de São Domingos do Araguaia, Marabá e Brejo Grande do Araguaia, todos no Estado do Pará.

Uma das características principais da região de São Geraldo do Araguaia, onde se apresenta a maior extensão da Reserva, é a predominância de um clima tropical úmido, com inverno seco, tipo AW (classificação de Köppen), temperatura média variando entre 25,5°C a 26,5°C e precipitação anual entre 1500 e 1750 mm. Entre os meses de novembro e abril situa-se o período de maior intensidade chuvosa na região.

Como consequência da extração irracional de madeiras e do desmatamento de áreas para implantação de projetos agrícolas e pecuários, a cobertura vegetal originalmente predominante no município já foi bastante modificada, ocorrendo grandes áreas em que as floresta primária antes existente, rica em espécies como o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) a castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*) e a bacaba (*Oenacarpus bacaba*), já foi totalmente substituída por pastagens, capoeiras ou monocultivos agrícolas.

Em São Geraldo do Araguaia o relevo predominante é irregular, recortado por igarapés e corredeiras, destacando-se como cursos d'água mais importantes o Rio Araguaia e seus afluentes, Xambioá, Sororó, Cardoso, Gameleira, Itaipava e Caiano.

Pelo fato de abrigar grandes fazendas de criação de gado, a pecuária destaca-se como a atividade econômica mais importante praticada atualmente no município, onde a produção de grãos (arroz, milho e feijão) também tem uma participação significativa na economia municipal.

Como consequência dos grandes desmatamentos ocorridos na região, a exploração da castanha-do-brasil, que já representou uma das atividades de geração de renda mais importantes do município, teve seu volume drasticamente reduzido na região. Para tentar reduzir esses efeitos, em algumas áreas vem sendo desenvolvidos projetos de reflorestamento e recuperação de áreas, através da implantação de consórcios da castanha-do-brasil com outras culturas, como o urucum (*Bixa orellana*) e o cacau (*Theobroma cacao*).

## 2. A RESERVA INDÍGENA:

### 2.1 – ASPECTOS GERAIS

A reserva indígena tem seu núcleo (aldeia) localizado à 55 km da sede do município de São Domingos do Araguaia e 110 km do município de Marabá, sendo ligada por via rodoviária a esses municípios através das rodovias PA-151 e BR-230, respectivamente. Neste trecho, a pavimentação encontra-se em boas condições de trafegabilidade, sendo problemático apenas um trecho de 35 km da BR-230, próximo a sede do município de Marabá ( mapa em anexo).

Apesar de também já haver ocorrido o desmatamento de algumas áreas para implantação de pastagens e cultivo anual de lavouras de subsistência dentro dos limites da Reserva, essa intervenção ainda não foi significativa, persistindo uma grande parte de florestas nativas preservadas, onde são encontradas espécies de importância econômica e alimentar para a comunidade local, como o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), a castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) e a bacaba (*Oenocarpus bacaba*).

Por outro lado, apesar de estar localizada em uma região rica em recursos hídricos, a Reserva Indígena Sororó é cortada por um número reduzido de cursos d'água, alguns deles, inclusive, tendo sua vazão bastante reduzida no período menos chuvoso.

A topografia da área, onde está localizada a Reserva apresenta um relevo relativamente irregular, apresentando em seu interior algumas áreas de baixadas, sujeitas a inundação durante o período mais chuvoso do ano.

A Reserva é habitada atualmente por 46 famílias indígenas da tribo Sororó – Suruí, totalizando 225 pessoas. Esse grupo vem tentando conservar suas tradições, procurando, inclusive, conservar a língua tupi, tradicionalmente falada por seus ancestrais.



## 2.2- INFRA-ESTRUTURA

### 2.2.1 – Saúde

A comunidade conta com uma infra-estrutura básica para atendimento na área de saúde, existindo na própria aldeia uma enfermaria administrada pela Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, que mantém um técnico em enfermagem permanentemente na área. Como resultado, os serviços de prevenção e controle das doenças mais comuns são normalmente executados, além de ser realizado o tratamento de enfermidades que não exijam um acompanhamento médico-hospitalar mais especializado.

Dentre as doenças mais comuns, principalmente entre as crianças que habitam a aldeia, estão as diarreias, a gripe e as escabioses.

### 2.2.2 – Educação

As crianças da comunidade contam com uma escola de ensino fundamental na própria aldeia, porém, os jovens que pretendem prosseguir seus estudos têm que se deslocar para a sede do município de São Domingos do Araguaia, distante 55 Km da sede da reserva.

### 2.2.3 – Saneamento

A água consumida pelas famílias é proveniente de um poço tubular construído na aldeia, de onde o líquido é bombeado para um conjunto de caixas d'água suspensas, com capacidade para armazenar até 5.000 litros. A distribuição da água para as famílias é feita a partir de 04 (quatro) torneiras coletivas, instaladas no terreiro central da aldeia.

Boa parte das residências da aldeia dispõem de fossas secas, escavadas no próprio solo, para deposição direta dos dejetos humanos, porém, no local não existe rede de esgotos destinada ao escoamento de águas usadas.

### 2.2.4 – Energia

A comunidade dispõe de um grupo gerador, à diesel, que é utilizado na geração de energia elétrica para a aldeia, incluindo o prédio da escola e da enfermaria. Este mesmo

grupo moto-gerador é utilizado para funcionar o conjunto moto-bomba, com a finalidade de abastecer as caixas d'água existentes na aldeia.

### 2.2.5 – Transporte

A comunidade conta com um veículo do tipo pick-up, conseguido junto ao Governo do Estado, que vem sendo utilizado para a condução das pessoas e transporte de produtos agroextrativistas.

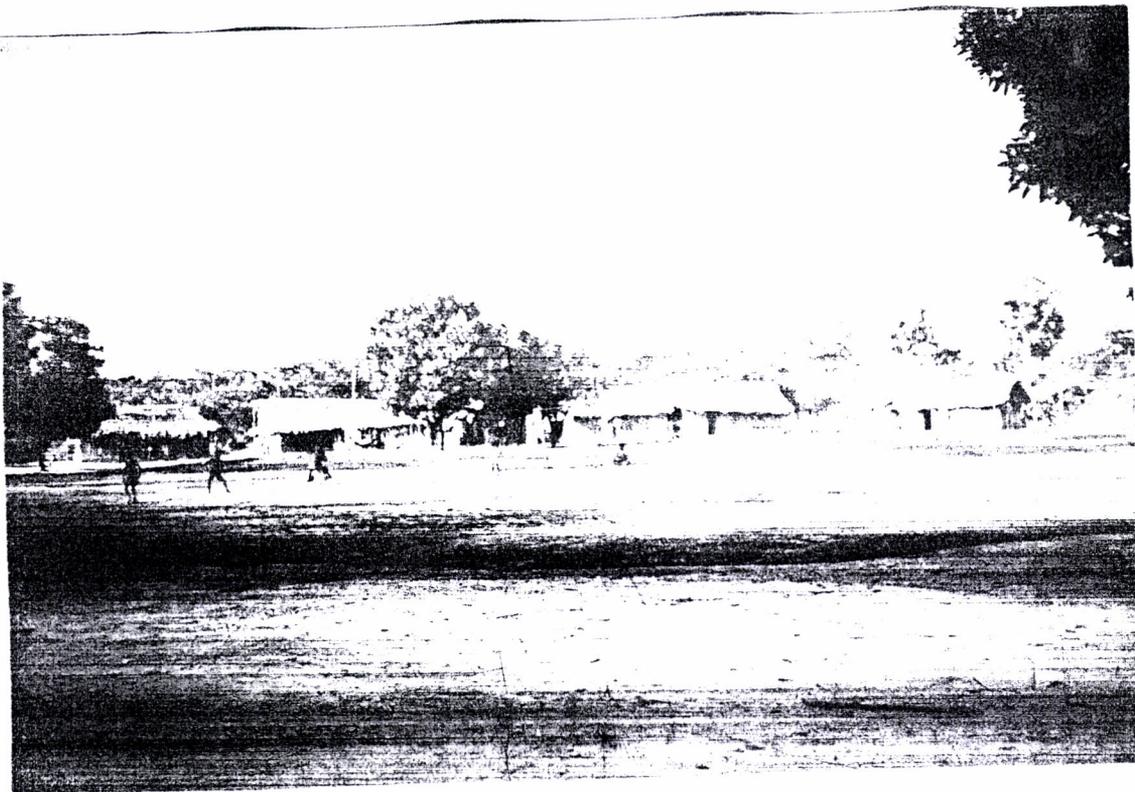
Existem também linhas normais de ônibus, além de outros transportes alternativos, que possibilitam a realização de viagens até os municípios próximos

### 2.2.6 – Comunicação

A comunidade conta com um aparelho de fonia que permite a realização de contatos com o escritório da FUNAI de Marabá. Esse aparelho, normalmente, salvo em casos de emergência, é ligado apenas duas vezes ao dia.

### 2.2.7 – Habitação

A reserva conta atualmente com 43 residências, sendo que 60% dos imóveis são construídas em madeira, 25% possuem paredes de palha, 10% têm paredes de barro e 5% são construídos de tijolos. Vale ressaltar que 90% das residências são cobertas com palhas e apenas 10% são cobertas com telhas de barro e/ou cimento-amianto.



### 3. ASPECTOS ECONÔMICOS

#### 3.1 – Extrativismo

##### 3.1.1 – Plantas

Fundamentalmente, a comunidade tem sua coleta baseada em culturas como a castanha-do-brasil, o cupuaçu e o açaí, usados pelos moradores da aldeia tanto para o autoconsumo, como para a comercialização.

Várias espécies florestais também são utilizadas para outras finalidades, principalmente para confecção de utensílios domésticos e fabricação de instrumentos utilizados nas caçadas, além de elaboração de tinturas usadas para pintura corporal das pessoas. Algumas dessas espécies também são utilizadas como plantas medicinais.

##### 3.1.2 – Caça e Pesca

Provavelmente, em função do pequeno número de córregos perenes na área da Reserva, a quantidade de peixes capturados é insuficiente para atender à demanda das famílias, tendo as mesmas, muitas vezes, que recorrer a aquisição de pescado nos municípios próximos.

Quanto a caça, segundo os próprios moradores, ainda é possível encontrar na floresta local alguns exemplares de animais silvestres, como cutias, veados, porcos do mato, antas e tatus, porém, devido ao desmatamento e a ausência de um plano de manejo adequado, nos últimos anos vem ocorrendo a redução dos estoques de alguns animais e/ou o afastamento dos mesmos para áreas mais distantes da Reserva

#### 3.2 – Agrossilvicultura

Além do cultivo de lavouras de subsistência, como a mandioca, o arroz e o milho, do plantio de algumas raízes alimentícias, como o cará e a batata doce, e da exploração de áreas de quintais com o cultivo de fruteiras, como o abacate, o caju, a manga e o coco, são pouco expressivas os trabalhos de implantação de culturas perenes e/ou recuperação de áreas degradadas.

Recentemente, a partir da contratação de um técnico agrícola para trabalhar diretamente na área, foram iniciadas algumas atividades e, paralelamente, estão sendo

amadurecidas discussões com os integrantes da associação local para definição de estratégias de trabalho voltadas para geração de renda e recuperação ambiental.

### 3.3 – Pecuária

Anos atrás foi desmatada uma área dentro da comunidade, visando a implantação de pastagem para criação de gado. Atualmente, a comunidade conta apenas com um reduzido plantel de bovinos de leite, composto de quatro vacas e um touro.

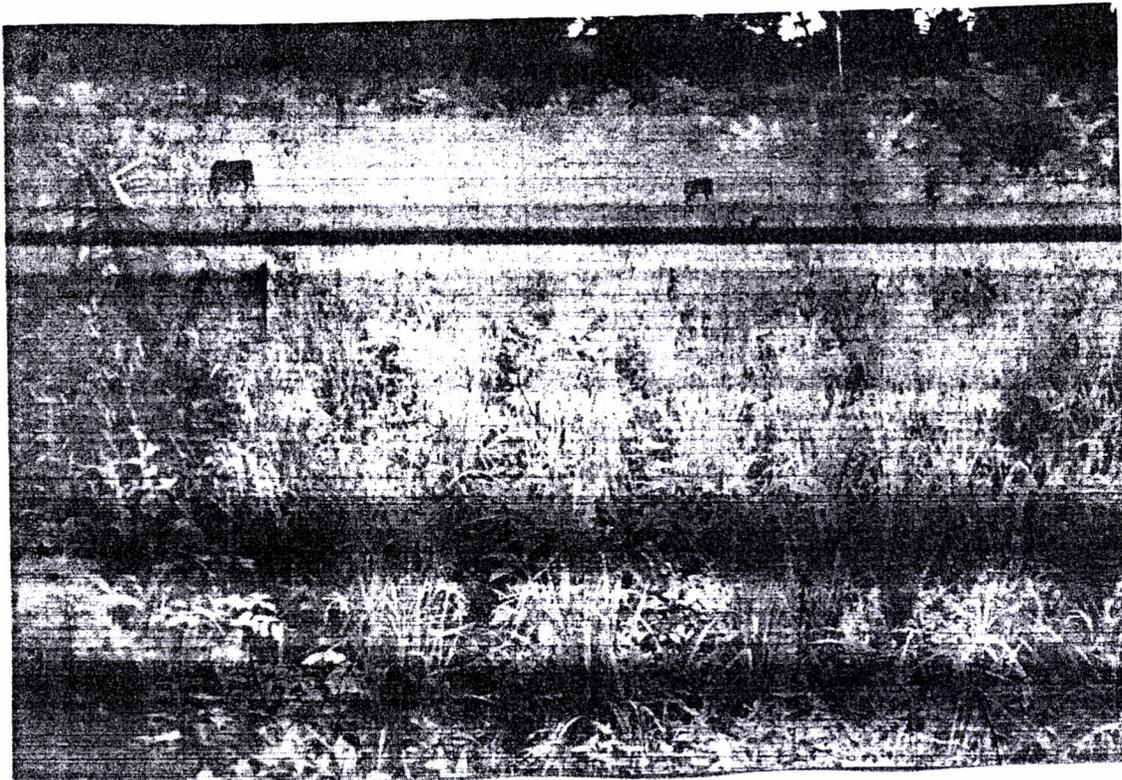
Na comunidade também é encontrada uma boa quantidade de animais de carga, em sua maioria jumentos, utilizados basicamente para transporte dos produtos coletados na mata.

Alguns pequenos animais, como carneiros e galinhas caipiras, também são criados em pequena quantidade na área da Reserva.

### 3.4 – Comercialização:

Os produtos obtidos através do extrativismo e o excedente da produção oriunda do cultivo de lavouras de subsistência são comercializados para atravessadores que vão apanhá-los na própria aldeia, ou são levados para a sede de municípios próximos, onde são vendidos para terceiros.

## ROÇADO DE ARROZ CULTIVADO NA ÁREA DA RESERVA



#### 4. ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Grande parte dos trabalhos realizados na aldeia são definidos a partir de discussões entre os membros da Associação Indígena do Povo Aikewara do Sororó, entidade criada com o apoio das instituições que atuam no local para dar maior suporte à organização da comunidade.

#### 5. PROBLEMÁTICA ENCONTRADA

a) No período de execução do levantamento, foi também realizado um estudo técnico prévio para identificação de áreas da reserva potencialmente aproveitáveis para criação de peixes, visando a implantação de um pequeno projeto voltado, à princípio, para o auto-abastecimento das famílias locais. Na oportunidade, foram visitados 03 (três) locais que apresentavam algumas características adequadas para a piscicultura, porém, segundo informações levantadas junto à comunidade, os principais córregos que atravessam essas áreas têm sua vazão parcial ou totalmente reduzida durante o período menos chuvoso ( Ver Quadro I).

b) Na primeira área visitada, localizada às proximidades da aldeia, já existe um açude com dois anos de construído, cuja água é utilizada normalmente para banhos, para matar a sede dos animais domésticos e para lavagem de roupas e louças. Para aproveitar a bacia deste açude na piscicultura, foram introduzidos alguns exemplares de tilápia nilótica no local. No entanto, como a construção do açude não obedeceu a critérios recomendados para a piscicultura e a comunidade não possui experiência na condução da atividade, ocorreram problemas para o manejo adequado dos peixes e obtenção de melhores resultados.

c) Um diagnóstico mais apurado das condições sócio-econômico-ambientais da localidade foi prejudicado, pelo fato de que, na época do levantamento, a comunidade não dispunha de registros detalhados sobre alguns aspectos, principalmente no que se refere à informações sobre as principais atividades agro-extrativistas praticadas pelas famílias da reserva.

d) Grande parte das áreas já desmatadas que circundam a aldeia não vem sendo normalmente aproveitadas para implantação de sistemas agroflorestais, facilitando a erosão provocada pelas chuvas e o conseqüente assoreamento dos córregos próximos.

e) A renda atual da comunidade é derivada praticamente do extrativismo (castanha-do-brasil e cupuaçu), enquanto outras atividades produtivas, como o cultivo de lavouras de subsistência e o plantio de espécies frutíferas e essências florestais, ainda é realizado em pequena escala.

f) A redução das florestas nativas e a inexistência de práticas de manejo têm contribuído para a diminuição da fauna e da flora local, reduzindo a oferta de produtos normalmente consumidos pela comunidade e agravando os problemas de carência alimentar das famílias residentes na área da reserva.

## 6. AÇÕES PROPOSTAS

A partir de um trabalho a ser realizado de forma integrada com os órgãos e instituições que atuam na área (FUNAI, FUNASA, etc.), serão desenvolvidas as seguintes ações:

### 6.1 – Piscicultura (ver mapas em anexo)

- Realização de treinamento em piscicultura para a comunidade (inclusive com visita à projetos já implantados na região);
- Recuperação do açude existente no local, visando seu aproveitamento imediato para o cultivo de peixes;
- Execução de atividades de recuperação ambiental na área que circunda o açude, para evitar problemas de assoreamento e a contaminação da água armazenada;
- Realização de pesquisa técnica mais detalhada das áreas pré-selecionadas para piscicultura, visando avaliar, em período mais adequado, a vazão dos córregos existentes e executar o levantamento topográfico do local;
- Dependendo do resultado do levantamento, iniciar a implantação de projeto de cultivo semi-intensivo de peixes nas áreas selecionadas.

### 6.2 – Agrossilvicultura

- Realização de treinamentos sobre Sistemas Agroflorestais para os membros da comunidade;
- Aproveitamento das áreas desmatadas existentes em volta da aldeia para produção de culturas de ciclo curto (cará, inhame, batata-doce, macaxeira);

- Recuperação das áreas ciliares e nascentes de córregos desmatados, através da utilização de espécies vegetais nativas da região, com potencial de serem aproveitadas para geração de renda e/ou consumo (açai, buriti, andiroba, virola, jenipapo, etc.);
- Utilização de práticas de manejo para melhoria do rendimento dos açaiçais existentes na área;
- Incentivar o incremento do cultivo de pequenos animais, utilizando inclusive espécies silvestres que já possuam tecnologias de criação disponíveis.

### 6.3 – Saneamento

- Incrementar, em parceria com a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, a adoção de práticas de saneamento básico dentro da própria comunidade (destinação correta do lixo, construção de fossas de fermentação, etc.);
- Incentivar o uso de medidas profiláticas para controle das principais doenças que atacam os animais domésticos criados na aldeia, evitando inclusive, a contaminação das pessoas por determinadas parasitoses, comuns nos seres humanos.

### 7 – EQUIPE DE ELABORAÇÃO:

- Engº Agrº Raul José Franco Ferreira.
- Engº Ftal Claudécir Gaspar Freitas.
- Téc. Agric. Moisés Jefferson Ferreira Dias.

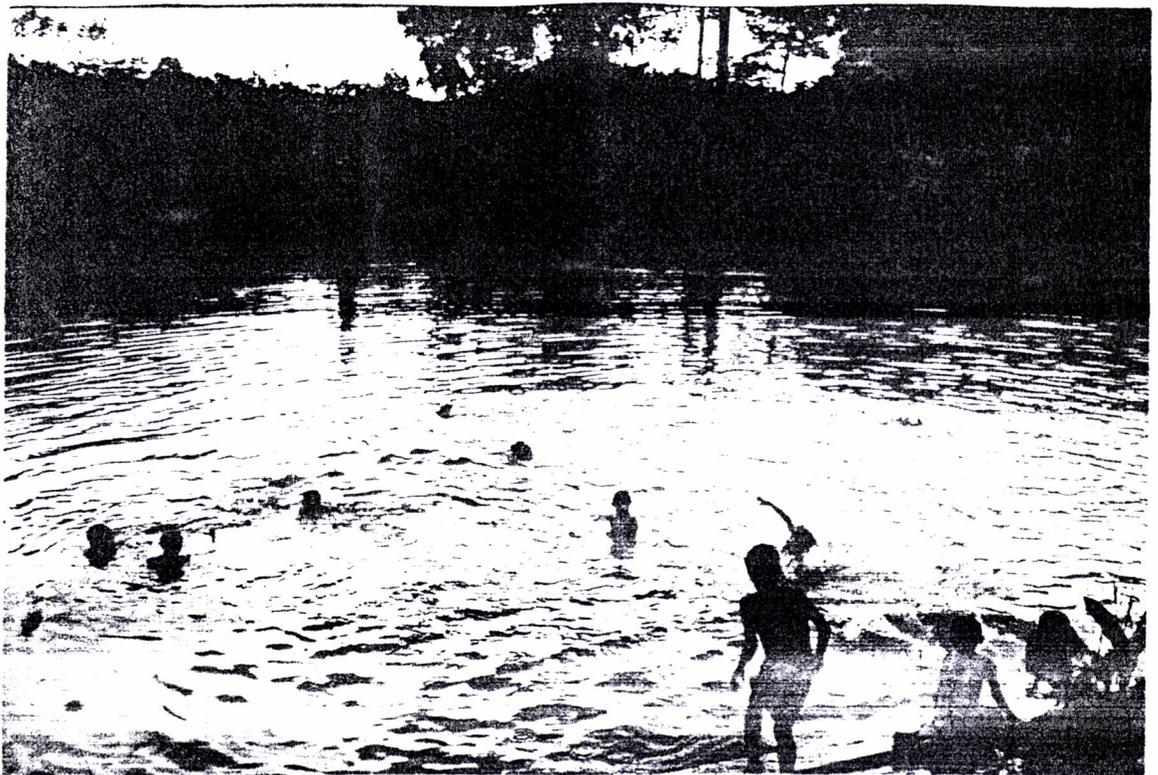
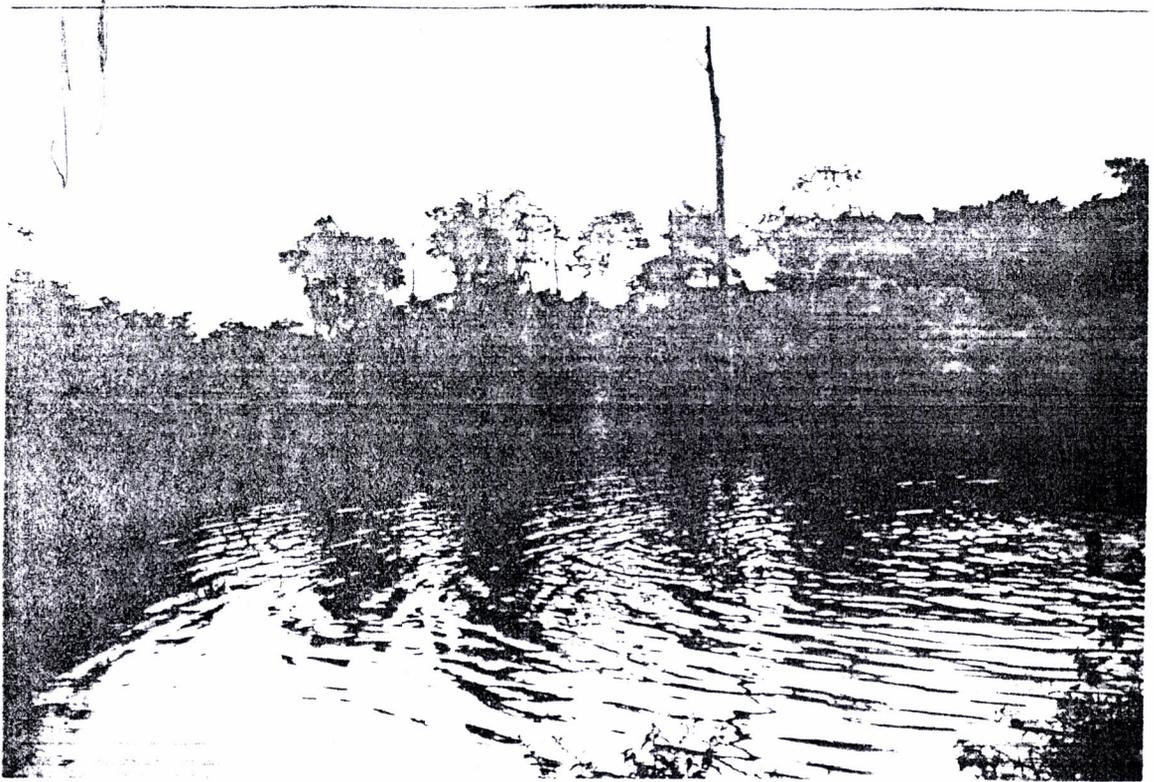
### 8- COLABORADORES:

- Eimar Araújo – Administrador Regional da FUNAI / Marabá.
- Luiz Ximenes Silva – Chefe do Serviço de Assistência ao Índio da FUNAI/Marabá
- Odiney Rodrigues Hayden – Chefe de Serviço Administrativo da FUNAI/Marabá.
- Maria do Rosário Siqueira – Técnico em Enfermagem da FUNASA.
- Mairá Suruí – Cacique da Aldeia Indígena Sororó.
- Tiremé Suruí – Chefe do Posto da Aldeia Indígena Sororó.

QUADRO I – Detalhamento da áreas para implantação de projetos de piscicultura.

ÁREA	ESTÁGIO ATUAL	ÁGUA	OBSERVAÇÕES
01	<p>Esta área, localizada próximo à aldeia, já foi desmatada, sendo construído no local um açude, com aproximadamente 2 500 m<sup>2</sup> de área inundada.</p> <p>A barragem foi construída com um comprimento de aproximadamente 55m, com uma largura da crista de aproximadamente 5m, não havendo sistema de drenagem para esvaziamento do açude.</p> <p>A área logo abaixo do açude apresenta-se bem conservada, porém, suas margens já foram desmatadas, estando ocorrendo problemas de erosão.</p>	<p>Na época da visita a o córrego que abastece o açude apresentava uma boa vazão, porém, a mesma deve ser melhor avaliada em época mais adequada.</p> <p>A água do açude, provavelmente em função de material carregado das margens pela água da chuva, apresentava uma turbidez elevada, o que, segundo os moradores locais, não acontece durante o período menos chuvoso.</p>	<p>O açude normalmente é utilizado como local de banho e lavagem de roupas e louças.</p> <p>O sangradouro, que foi construído no corpo da barragem, está danificado e provocando uma erosão localizada que pode ocasionar danos futuros mais sérios.</p> <p>Além de algumas tilápias remanescentes do povoamento realizado há dois anos atrás, existem espécies de peixes nativos habitando o açude, porém em pequena quantidade.</p> <p>A área abaixo do açude, caso a vazão permitida, pode ser usada para construção de viveiros de peixes.</p>
02	<p>Nesta área, distante aproximadamente 1.500m da aldeia, constatou-se a presença de uma vegetação bem conservada, com poucas áreas já desmatadas, onde existe uma quantidade significativa de açazeiros nativos, circundando o leito do córrego que atravessa a área.</p> <p>As proximidades existe material de boa qualidade, que, caso a área seja utilizada para piscicultura, pode ser usado na construção da barragem.</p> <p>A distância entre as margens do córrego no local é relativamente grande, necessitando de uma quantidade maior de aterro caso seja construído um açude no local.</p>	<p>A vazão do córrego, observada no período da visita, apresentava-se muito boa, porém, também deve ser melhor avaliada no período menos chuvoso.</p> <p>A água apresentava-se bastante cristalina, aparentando uma boa qualidade.</p>	<p>Uma área próxima ao local já serviu de moradia para algumas famílias da aldeia, existindo hoje um pequeno sítio de fruteiras no local.</p> <p>A área não pode ser melhor observada, em função da abundante cobertura vegetal existente no local. Para uma melhor avaliação, torna-se necessária a realização de um trabalho de vistoria mais detalhado, após a limpeza de alguns trechos que possibilitem uma melhor visualização do local.</p>
03	<p>Distante aproximadamente 300m da aldeia, essa área apresenta boas condições de relevo para implantação de viveiros de peixes.</p> <p>A área já se encontra desmatada, existindo, na época do levantamento, um roçado de culturas alimentares no local.</p>	<p>Constatou-se a presença de dois córregos que atravessam área, porém, segundo informações colhidas no local, a vazão dos mesmos diminui bastante no período menos chuvoso do ano. Novamente, há necessidade de uma melhor avaliação dessa vazão em épocas mais secas.</p> <p>A água desses córregos apresenta-se, aparentemente, de boa qualidade.</p>	<p>Esse local situa-se abaixo da área do açude, existindo possibilidade de ser derivada a água do mesmo para abastecimento de viveiros de peixes que, porventura, ali sejam construídos.</p>

VISÃO PANORÂMICA DO AÇUDE CONSTRUÍDO NA COMUNIDADE



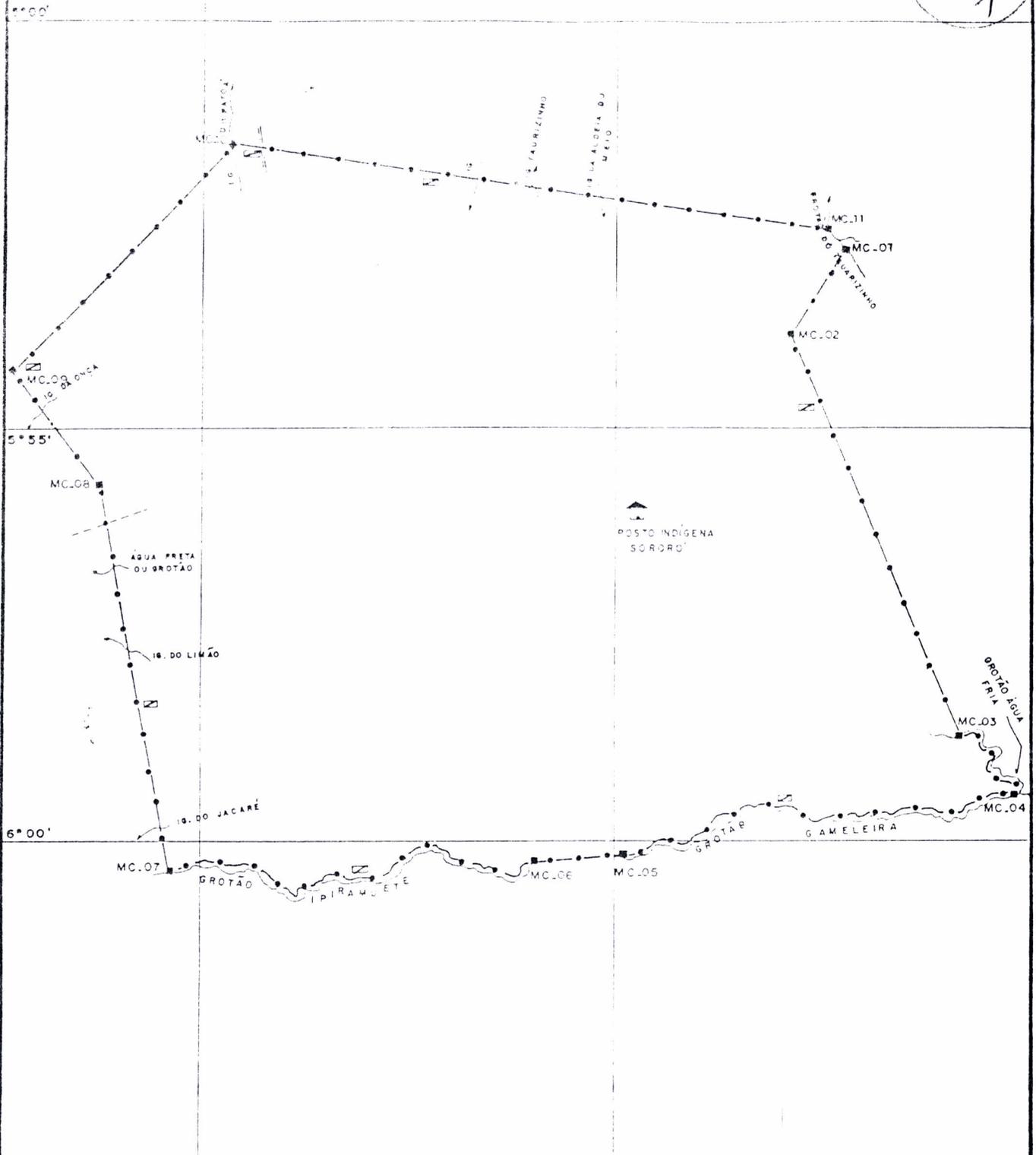
BIBLIOGRAFIA

AMAT. " Sul e Sudeste do Pará Hoje, coordenação de Ana Izabel Pantoja Firmino,  
UNICEF, Belém, 1996.

SEPLAN. Novos Municípios Paraenses, Volume 19, Belém, 1993.

IDESP. Municípios Paraenses, Volume 07, Belém, 1989.



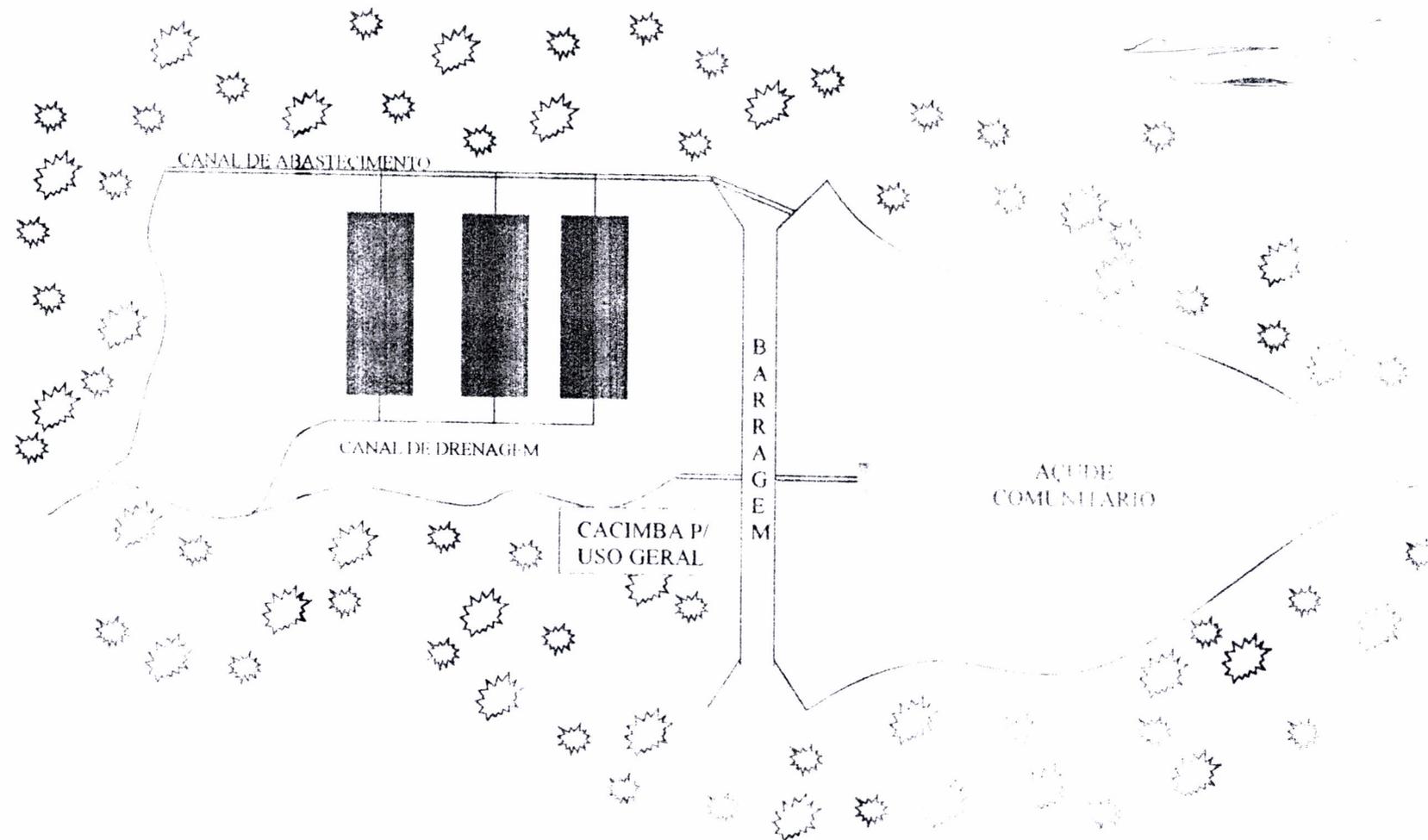


SINAIS CONVENCIONAIS

- POSTO INDÍGENA
- MARCO DE CONCRETO
- PLACA INDICATIVA
- TERRA INDÍGENA DEMARCADA
- RODOVIA DE REVESTIMENTO SOLTO
- CAMINHO

<b>MINISTÉRIO DO INTERIOR</b> <b>FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI</b> DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI				
DENOMINAÇÃO: <b>ÁREA INDÍGENA SORORO'</b>			PLANTA DE: <b>DEMARCAÇÃO</b>	
MUNICÍPIO: <b>SÃO JOÃO DO ARAGUAIA</b>			ÁREA: 26 257,8956 ha	PERÍMETRO: 73.706 km
UF: <b>PARÁ</b>			ESCALA: 1:130.000	DATA: 27/11/77
U.ADM.: <b>2º DR</b>			PROCESSO Nº: FUNAI/838/2152/77	EXECUTANTE: <b>PLANTEL LTDA</b>
DESENHO: L. NATAL	TEC. RESPONSÁVEL: EURÍPEDES DA S. ARANTES <small>CREA Nº 5810152/REGIAD</small>	CONFERIDO: NEY DA FONSELA <small>CHEFE DA DDF</small>	APROVADO: JOSÉ UBIRAJARA PILOTTI <small>DIRETOR DGPI</small>	VISTO: PAULO MOREIRA CÉAL <small>PRESIDENTE</small>

# ACUDE COMUNITÁRIO - PLANO DE REABILITAÇÃO



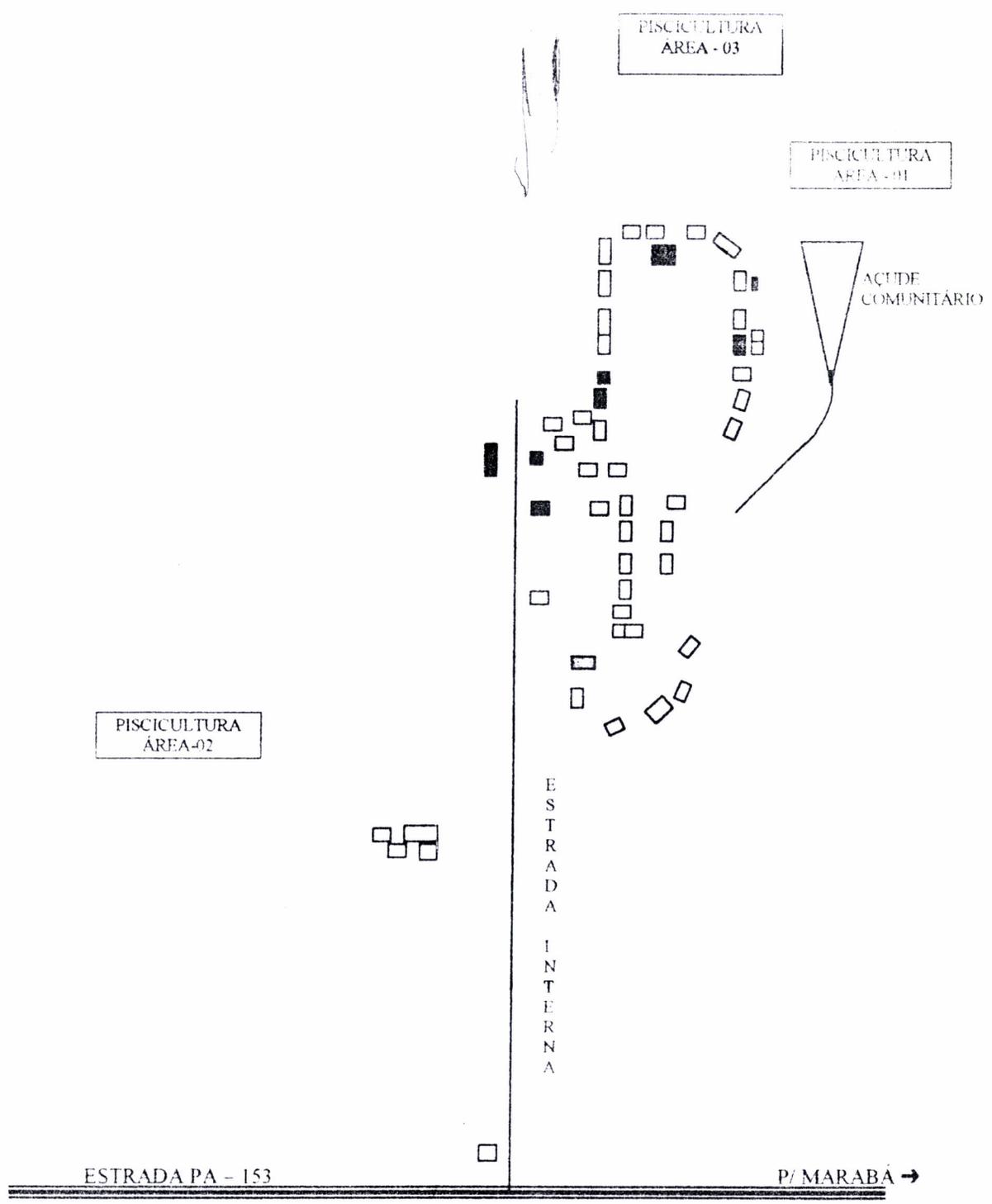
COMPRIMENTO DA BARRAGEM: 55,00 m  
 ALTURA DA BARRAGEM: ..... 3,00 m  
 LARGURA MEDIA DA CRISTA: ..... 5,00 m  
 AREA UTIL APROXIMADA: ..... 2.500 m<sup>2</sup>

### LEGENDA

- \_\_\_\_\_ AREA DE RECUPERAÇÃO (SISTEMA AGROFLORESTAL)
- \_\_\_\_\_ VIVEIROS DE PEIXES (AMPLIAÇÃO FUTURA)
- \_\_\_\_\_ MONGE



PROJETO COMUNITÁRIO DE PISCICULTURA  
AREAS INDICADAS NO PROJETO  
LOCALIZAÇÃO DE ÁREAS POTENCIAIS



- Obs. O desenho não obedece uma escala definida
- LEGENDA**
- |                    |                |
|--------------------|----------------|
| □ RESIDÊNCIAS      | ■ GARAGEM      |
| ■ ENFERMARIA       | ■ CAIXA D'ÁGUA |
| ■ BARRACÃO REUNIÃO | ■ BARRACÕES    |
| ESCOLA             | ■ TORNEIRAS    |